

Pelo Aprofundamento (meditativo) da Pedagogia Waldorf

Texto a partir das considerações de Luiza Lameirão, proferidas em 13 de agosto de 2020.

O livro *Pelo aprofundamento (meditativo) da Pedagogia Waldorf* foi elaborado pela Seção Pedagógica no Goetheanum, em 1977 – ampliada em 1990 –, quando o crescimento rápido do número de escolas impediu que se continuasse passando o conteúdo do livro a partir de um contato individual. No Brasil, o livro foi traduzido e editado em 2005; os exemplares se esgotaram e a segunda edição foi feita em 2011. Para o centenário da pedagogia Waldorf, que se deu em 2019, a Seção Pedagógica no Goetheanum reviu e ampliou novamente o livro, incluindo a palavra “meditativo” no título.

No Brasil, o livro vinha sendo distribuído a partir da relação com um professor responsável por essa tarefa, dentro de cada escola. Agora, a Seção Pedagógica no Brasil decidiu que qualquer educador, professor, que se interesse pelo livro *Pelo aprofundamento (meditativo) da Pedagogia Waldorf* poderá fazer um pedido direto à Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB); o livro será enviado da mesma maneira que outros títulos são vendidos e enviados. A proposta é reforçar o trabalho de cada indivíduo, no sentido que ele tome a iniciativa. Isso de forma alguma desmerece o trabalho a ser feito no colegiado. A prática individual é o ponto de partida e, em seguida, pode-se trocar com os colegas as conquistas e desafios encontrados. A tarefa de um professor responsável (guardião) para distribuir o livro era acrescida de uma abordagem semestral, para todo o colegiado. Entretanto, todo professor que trabalha com os conteúdos do livro pode se prontificar a fazer um trabalho com todo o colegiado. Os conteúdos deste livro são indispensáveis para o trabalho direto com os alunos e, quando praticados, observamos seu fruto no cotidiano da sala de aula. Assim sendo, não são conteúdos para ficarem estáticos ou em segredo e, sim, vivenciados para fertilizar a prática.

Dessa maneira, se agiliza a possibilidade de acesso do indivíduo ao livro através da FEWB. Não queremos perpetuar o desejo do proibido, do desconhecido nem a restrição. Ainda uma pergunta vem à tona, pois não foi decidido quem colocará o nome no livro. Anteriormente, uma pessoa se responsabilizava de escrever o nome de seu colega no livro. Agora fica uma decisão individual; o colega põe meu nome ou eu mesmo assino. Essa decisão exigirá mais ainda dos colegiados, que por meio de conversas manterão vivos os conteúdos do livro entre os colegas; conversar inclui abordar as mínimas perguntas que surgirem.

Após essa informação concreta e objetiva, a minha ideia é fazer um grande arco do que está no livro, ampliando e atualizando. O primeiro conteúdo abordado é a questão cármica. No livro, há um trecho de uma palestra de Rudolf Steiner proferida em 1915, em seguida, outro trecho de uma palestra de 1917. Essas abordagens são de cerca de quatro anos antes da fundação da primeira escola Waldorf, em meio à primeira guerra. São considerações feitas por Rudolf Steiner sobre o carma; são muito preliminares quando comparadas às que ele realizou em 1924, após o Congresso de Natal. São 84 conferências, proferidas em menos de um ano, pois ele constatou que poderia tratar com maior profundidade e abertura a sua pesquisa sobre o carma. Os trechos que estão no livro são introdutórios. Na primeira conferência, de um ciclo de quatorze, proferida aos primeiros professores antes da fundação da escola Waldorf, que está publicada no livro *Antropologia geral* ou *o Estudo geral do homem*, GA 293, Rudolf Steiner aborda a necessidade de alargar a visão do desenvolvimento humano para além da vida terrestre; não apenas do ponto de vista do pós-morte, mas, em especial, do pré-natal. É olhar para um caminho enorme que o ser humano faz para chegar aqui na Terra, em consonância com as hierarquias espirituais e a partir das questões que ele trabalhará conforme seu carma individual. Lidar com a questão cármica é muito mais do que lidar com estas poucas páginas que estão no livro *Pelo Aprofundamento...*

A próxima temática, no livro, é a metamorfose da inteligência. É um tema especial porque mostra de que maneira, aos sete anos, a criança transforma processos de vida em processos de

aprendizado. Qual é a questão da Inteligência depois que Micael nos delegou a inteligência cósmica? Como é que nos vinculamos a este impulso micaélico? Por exemplo, ao trabalhar com os jovens, uma das metas da educação é oferecer aprendizados para que cheguem ao juízo próprio. Sem o entendimento do ato micaélico, não conseguimos compreender a origem da possibilidade de termos juízo próprio. Isto só foi possível pelo ato micaélico, que delegou ao ser humano na Terra a possibilidade de transformar a inteligência cósmica. Enquanto o ser humano não absorve, não toma para si esta tarefa, quem tem tomado com muita agilidade é Arimã. Cabe a nós como educadores olhar de que maneira o processo todo da inteligência, que agora foi delegado ao ser humano, pode ser desenvolvido. Após a sua última alocação, em 28 de setembro de 1924, Rudolf Steiner adoeceu e não falou mais em público até a sua morte. Então, ele passou a escrever cartas aos membros; mais da metade delas são as *Cartas Micaélicas*, em que ele aborda a inteligência de uma forma que não se acha em nenhum outro lugar na obra dele, muito menos nestes trechos que estão no livro *Pelo aprofundamento....*

Os aspectos que estão reunidos no livro são trechos que nos indicam temas importantes a serem ampliados; a obra de Rudolf Steiner é pródiga nessa ampliação. Como um convite, a publicação pede para que olhemos para a questão cármica, para a metamorfose da inteligência e para a atuação das hierarquias espirituais.

A atuação das hierarquias espirituais é a terceira temática e exige de nós um trabalho mais amplo, porque recebemos de presente, no ato solene da fundação da escola Waldorf, a relação com a terceira hierarquia: Anjos, Arcanjos e Arqueus. Entretanto, são três hostes hierárquicas; elas são nomeadas e invocadas na Pedra Fundamental da Sociedade Antroposófica. Todas as abordagens acerca da Pedra Fundamental da Sociedade Antroposófica incluem considerações acerca das hierarquias de forma bem especial. No ciclo de cinco conferências – *Evolução do ponto de vista do verdadeiro, GA 132* –, Rudolf Steiner revisita toda a cosmogênese, a partir da atuação das hierarquias espirituais. Esse texto trata de quem foram os criadores em Saturno e quais são os seres hierárquicos que lá nasceram, e assim, em todas as fases de desenvolvimento da Terra. A abordagem de Rudolf Steiner mostra, através do gesto do ser hierárquico criador, o que foi colocado à disposição da evolução. A partir desta leitura, o livro *A Ciência Oculta* pode se tornar mais compreensível e ampliado.

Outro assunto importante ligado às hierarquias está no livro *Os três aprendizados na infância* (GA 224. Coleção Textos Escolhidos). São duas conferências que tratam da aquisição do andar, falar e pensar do ponto de vista de quais são os seres espirituais que atuam verdadeiramente como educadores nos três primeiros anos de vida. É um livro bonito em especial para quem lida com as crianças pequenas. A relação com as hierarquias espirituais torna a ação educativa em autêntica Pedagogia Waldorf; sem esse acesso ao mundo espiritual, pode-se ter os melhores materiais pedagógicos e não será Pedagogia Waldorf. Essa relação com as hierarquias espirituais é tão crucial quanto o pão de cada dia.

É bem interessante que, em *Os três aprendizados na infância*, Rudolf Steiner coloca de que maneira o ser humano nutre a terceira hierarquia. Assim como recebemos força do Anjo para o trabalho individual, os Arcanjos fazem a ronda criando o cálice da coragem e o Arqueu, espírito do nosso tempo, vem dos confins e goteja a luz do nosso tempo, também nós podemos a cada noite nutri-los. Quando nós os alimentamos, eles oferecem essa nutrição às mais altas hierarquias; o ser humano se torna verdadeiramente co-criador. Portanto, existem dois gestos: recebemos dádivas das hierarquias num processo descendente; com pensamentos que se tornam ideais, com nossa fala em conversa autêntica e benevolente e gestos, atos significativos, nutrimos a terceira hierarquia, num processo ascendente. Tornar-se co-criador requer nutrir os Anjos que lidam com cada indivíduo. Com a maior fidelidade possível, os Anjos acolhem algo que vive bem no centro da nossa organização terrestre, a capacidade pensante. Na *Antropologia geral*, Rudolf Steiner nos diz que é apenas na cabeça que o centro está dentro do organismo humano. Se transformo os meus

pensamentos em ideais de vida, nutro o meu Anjo. Como revisito os meus ideais? Será que os meus ideais se tornaram ideologia? Essa é a raiz da polarização entre professores e pais, entre colegas. A alma humana pendula entre simpatia e antipatia. O interesse é o elemento equilibrador desse pendular e dá à alma a abertura necessária para o entorno, para o outro e para si mesmo. Esse pendular entre simpatia e antipatia nos impede de mantermos a vitalidade, nos percebemos cansados, sem a possibilidade de refletirmos em nossos ideais de vida. Mal conseguimos cumprir as tarefas do cotidiano.

Os Arcanjos são nutridos quando ocorrem conversas autênticas entre seres humanos. Em que momento o colegiado se dá o direito de ter conversas autênticas? Tanto experiências em sala de aula quanto do seu próprio caminho podem ser motivos de conversas autênticas. Essas trocas verdadeiramente ouvidas nutrem os Arcanjos, eles se alimentam disso. A maior benção é que, na manhã seguinte, nos sopram como se fosse a voz da consciência. Cuidem do amanhecer, é nesse momento que os Arcanjos nos sopram.

Os atos nutrem os Arqueus, e o Arqueu do nosso tempo é Micael; ele não se interessa pelas nossas intenções, ele quer saber das consequências dos atos. Como teremos noção das consequências dos nossos atos? Se fazemos algo com as crianças que afetou de forma positiva, isso chegará às famílias e delas se estenderá para mais alguém; é uma teia incomensurável. Cada teia como esta faz parte da grande teia cármica. Quando passamos a vincular os atos à consciência, tateamos a possibilidade de vivenciar do que se trata o carma. Os membros humanos são responsáveis pelas ações; os pés nos levam aos nossos destinos; eles atuam sem que tenhamos a consciência desperta para eles. Assim, torna-se difícil abarcar, naquela figura da *Antropologia Geral*, onde está o centro dos membros, representados por raios na figura. No âmbito da cabeça, o centro está dentro; no tórax, o centro está na frente, diante do ser humano; os membros vêm do infinito e não temos como constatar o centro. Não temos notícia consciente do nosso próprio carma individual.

Estas três primeiras abordagens do livro *Pelo aprofundamento...* não constam nos textos pedagógicos, são trechos de palestras antroposóficas; apenas as que consideram o andar, falar e pensar podem ser mais imediatamente vinculadas à prática pedagógica. O que vem em seguida são textos pedagógicos como a *Antropologia meditativa*, GA 302a, um texto muito especial para mim. Rudolf Steiner nos ensina: aquilo que ao pensar entendemos com clareza pode ser fonte para a edificação de sentimentos; quando convivemos com os pensamentos que ficaram claros, modificamos sentimentos e, na manhã seguinte, teremos a presença de espírito com os alunos; nossos atos, atitudes, evidenciam essa presença de espírito. A Antropologia permeia todos os âmbitos da alma. Primeiro estudo e tenho clareza; convivo para compreender cada vez melhor e edifico sentimentos; a partir daí, levo para o mundo da noite e lá eles são metabolizados. No dia seguinte, tornam-se presença de espírito. Assim, a Antropologia, permeando toda a alma humana, complementa o ser humano incompleto que somos. Enquanto indivíduos, estamos distantes de ser plenos, serão necessárias muitas encarnações. Mas por isso vou deixar de ser educador? Esse livro indica a maneira de trabalhar a Antropologia que completa o que eu sou. Eu tenho compaixão pelos educadores que nunca aventaram a possibilidade de compreender o desenvolvimento humano que pode nos levar a essa completude. Esse é o conteúdo de um trecho que está no livro *Pelo aprofundamento...*, mas o livro *Antropologia meditativa* está publicado no Brasil desde 2000. Alguns seminários o têm como objeto de estudo.

Em seguida, *Pelo aprofundamento...* aborda a questão que está no livro *Prática pedagógica*, GA 306, publicado há muitos anos, que tem na sexta conferência os objetivos sociais da educação; a esta abordagem retorno com regularidade, pois indica aspectos indispensáveis para o

desenvolvimento da vida social, sempre tão desafiadora desde os tempos de Rudolf Steiner até a atualidade. Quanto, como educador, tenho que trabalhar para facilitar a vida social da humanidade? Facilidade no sentido de proporcionar as condições para que todos possam, por meio da educação, chegar a ser um indivíduo que consegue, nos dias de hoje, transpor o egoísmo próprio da alma da consciência e almejar uma vida social saudável. Nesta conferência, em que aborda estes objetivos sociais, Rudolf Steiner finaliza com a prece do professor, que também está no nosso livro, mas é a conferência inteira que nos faz chegar até a prece.

No ciclo denominado *O desenvolvimento saudável do ser humano*, GA 303, na última conferência, Rudolf Steiner fala de novo da gratidão que cresce enquanto a criança cresce, portanto na primeiríssima infância, e que culmina no amor a Deus. A seguir, o verdadeiro interesse pelo mundo e pelos seres humanos antes do surgimento do amor pelo sexo oposto e que trará ao jovem a possibilidade de que, de dentro dele, desperte a responsabilidade pelo mundo. Amor em forma de gratidão, de interesse e de responsabilidade. Dever! Esta palavra é tão gasta! Confirmando o que Goethe afirma a partir da pergunta: O que é dever? “Quando se ama o que cada um ordena a si mesmo”. Se conseguirmos fazer o caminho interior de forma que eu mesmo me ordene, ele se tornará o meu dever!

Muitas opções são oferecidas na obra de Rudolf Steiner; a quantidade de ofertas para a exercitação pessoal não atua; atuará somente quando a pessoa tomar a decisão individual de praticar o que foi oferecido por Rudolf Steiner. Por exemplo, do estudo da Antropologia, retiro um aspecto que ficou bem claro e convivo com ele até que eu edifique sentimentos e tenha presença de espírito. De onde partimos? Da capacidade pensante. Rudolf Steiner finaliza a *Antropologia geral* e outros textos pedagógicos com frases aforísticas, chamadas “lemas”, que sintetizam toda a sua abordagem. Os lemas são um convite a fazer esse caminho que começa pela qualidade cognitiva. Entretanto, também frases retiradas dos textos podem ser lemas para a realização desse caminho.

A abordagem a partir do âmbito dos sentimentos a serem cultivados na alma é a segunda opção, por meio da prece do professor. Essa prece é trimembrada, estabelecendo relação com a trindade; ela termina dizendo que esta é a verdadeira trindade para o professor. No passado bem remoto os rosacruzistas geraram três versos: *Ex Deo Nascimur*, *In Christo Morimur* e *Per Spiritum Sanctum Reviviscimus*, que estão nas três primeiras partes da Pedra Fundamental da Sociedade Antroposófica. Essa prece é trimembrada, com total fidelidade a esses três versos: “Bom Deus é aquele que nos dá a origem divina” e para o qual peço que me isente das ambições pessoais. Em seguida, que Cristo faça viver em mim as palavras de Paulo: “Não eu, mas o Cristo em mim”. Nessa segunda parte da prece, está completamente implícito que em Cristo a morte torna-se vida ou *In Christo Morimur*, porque preciso abdicar de mim mesmo para deixar que Cristo atue em mim. E, por fim, o Espírito Santo possibilitará que eu atue a partir do espírito. No verso *Per Spiritum Sanctum Reviviscimus* estamos diante da realidade, o reconhecimento do espírito desperta a alma.

Recentemente, conversando com um amigo consultor, ele formulou uma frase muito bonita: “entre o ouvir e o falar existe o acordo”. Eu acordo para o espírito quando acordo para o outro ser humano que traz o princípio divino espiritual em si mesmo, assim como o trago também. Eu desperto para o espírito. “Acordo” também tem outra significação, a de poder fazer acordos, combinações. Se eu não acordo para o divino no outro, torna-se difícil fazer acordos. Todas as polarizações que vivemos poderiam ser resolvidas por acordos. Será que em cada conversa nós despertamos para o divino que está no outro? Na relação com a trindade os sentimentos são purificados quando fazemos essa prece. Eu recebi essa prece de um querido professor que foi muito decisivo em minha vida como educadora. Ele era inglês e veio muitas vezes ao Brasil na década de 80, seu nome era Francis Edmunds. Ele falou essa prece para nós e nunca mais esqueci, a tradução

que utilizo é daquele tempo. Ele falava que tudo o que o educador poderia fazer com antecedência – preparar a aula, meditar, lembrar dos alunos – não elimina a possibilidade de estar diante da sala de aula e sentir um temor, um frio na barriga. Ele dizia: “Nesse momento, eu rezo!” É lindo que uma pessoa tão sábia, aos 80 anos, diga tal coisa. Eu era apenas uma professora waldorf principiante; diante de sua declaração, tornei-me membro da Sociedade Antroposófica.

No livro, há uma consideração bem escondida, mas que é muito importante. No Congresso de Natal, em 1923, Rudolf Steiner colocou a Pedra Fundamental no coração dos participantes, formulando a seguir uma escola esotérica em que cada pessoa pode participar por meio de decisão individual. Cada um de nós que se vincula a ela torna solo fértil para a Antroposofia viver em nós. À época de Rudolf Steiner, alguns professores se tornaram membros e ele delegou à Lily Kolisko, professora de biologia e esposa do primeiro médico escolar Eugen Kolisko, a introdução dos mantras para os professores. Rudolf Steiner dizia que tudo o que ele fazia individualmente ou em pequenos grupos, como trabalho esotérico, seria colocado publicamente na Escola de Micael ou Escola Superior Livre para a Ciência do Espírito. Rudolf Steiner só elaborou o primeiro ano, que conhecemos como 1ª Classe. Surge a pergunta: cada indivíduo pode tomar para si a decisão de se tornar membro da Escola de Micael, mas por que será que a escola Waldorf, como um todo, não toma essa decisão? Rudolf Steiner disse que para a primeira escola, que ele acompanhou semanalmente por alguns anos, ainda não era o tempo de todo o colegiado participar, porque nem todos os indivíduos que estavam dentro da escola tomaram essa decisão individual. Se naquele tempo não foi possível, será possível hoje em dia?

O início do ano de 1923 foi marcado pelo incêndio do primeiro Goetheanum; Rudolf Steiner se perguntou muitíssimo o que valia a pena e o que não valia mais. Havia uma crise na Sociedade Antroposófica e também na escola Waldorf. Rudolf Steiner deu a prece do professor e a segunda meditação para professores, além de, no fim deste ano, realizar o Congresso de Natal e refundar a Sociedade Antroposófica; me parece um ano fértil. Atendem para os ciclos pedagógicos de 1923. Por causa desta crise ele abordou aspectos especiais da pedagogia Waldorf em vários ciclos de palestras. Um deles é o da Inglaterra, publicado como *A cultura atual e a educação Waldorf*, GA 307. Na oitava conferência deste ciclo, há considerações muito relevantes para o trabalho meditativo do educador. Outros ciclos são: *Prática pedagógica*, já referido anteriormente; *Pedagogia, arte e moral*, GA 304a; e, especialmente, três conferências que constituem a publicação *O preparo interior do professor e educador*, GA 302a, que culmina na segunda meditação do professor. A primeira meditação foi dada nos primeiros dias após a fundação da escola Waldorf, portanto, em setembro de 1919. A segunda meditação tem como ponto de partida um gesto diferente da primeira, são gestos complementares.

A segunda meditação começa assim:

“Olhar espiritual

Volta-te para dentro, contemplando...”

Quando olhamos o mundo sensorial, os olhos vão como tentáculos lá fora e tateiam o mundo. Os grandes sábios, os reis sábios que visitaram a Criança Divina, também olharam longe no firmamento e viram uma estrela. Uma vez que sabiam ler estrelas, foram até a Criança Divina. O que Rudolf Steiner está pedindo é outra coisa: “olhar espiritual, volta-te para dentro, contemplando”; em seguida, vem o “tatear cordial”. A sabedoria do olhar espiritual, antes voltado para fora, encontra o tatear sensível e cordial do coração. Esses dois âmbitos vivenciados no íntimo do ser humano preenchem a vida interior. Recentemente, em um dos encontros da Seção Médica no Brasil, os médicos relataram quais são as raízes das pandemias e epidemias, sob o ponto de vista de Rudolf

Steiner: entre outras razões mais concretas, a dissociação entre cabeça e coração é a mais preponderante.

A primeira meditação, um soneto, tem como primeiro verso: “Na aparência do ser sensorial”; o gesto é o de voltar-se para fora tateando o mundo sensorial; e, nele, encontra-se a vontade viva do espírito. Esse ponto de partida é uma relação com o mundo exterior; a mesma relação que cultivamos, em sala de aula, com os poemas da manhã, desde o primeiro ano escolar até o 12º ano. O primeiro poema do 1º ao 4º ano é ampliado e intensificado no poema dos maiores. Quando o educador se vincula à primeira meditação, ele favorece que o poema da manhã, com os alunos, seja momento muito mais significativo, permeado de conteúdo, pois o educador se preparou.

Entrar no âmbito meditativo é entrar no âmbito volitivo do ser humano. Com o estudo da Antropologia, está bem evidente que estamos no âmbito do pensar e, ao edificar sentimentos, chego a ter a presença de espírito; realizamos um caminho que desce do pensar até a esfera volitiva. Com a prece, lidamos com sentimentos. Com as meditações, estamos lidando com a vida volitiva. Claudio Bertalot disse que meditar é ditar para si mesmo. Aquilo que eu digo para mim mesmo pela minha capacidade de decidir individualmente é o que faz a meditação se realizar, estar presente. O ato de meditar é individual, o ato de estudar Antropologia é coletivo. É tão melhor entender a Antropologia em grupo! Quando me disponho a trabalhar com aquilo que ficou claro, edificar sentimentos para ter presença de espírito, novamente, é uma ação individual. Neste pulsar entre o individual e o grupal, constitui-se o coração das escolas Waldorf. Rudolf Steiner disse que a reunião do colegiado é o coração pulsante da escola, mas não porque todos meditam em conjunto e, sim, a anterior meditação individual permeará o momento da reunião do colegiado. O exemplo mais usual é o preparo do estudo por um dos membros do colegiado, que será a base de uma conversa autêntica e profunda. Toda vez que o colegiado deixa de fora esse aspecto, o coração da escola adocece. Quando as veias e artérias entopem no organismo, o que acontece ao coração? Quando entope dentro de um colegiado as informações não fluem. O coração é o maior órgão de percepção do que vive no interior do ser humano; no organismo vivo da escola, é ele quem percebe de que maneira flui a espiritualidade.

Mais do que nunca, vocês terão a tarefa de levar esses conteúdos do livro *Pelo aprofundamento...* às reuniões do colegiado. O livro estará acessível na Federação, a todos os professores que queiram. E cada membro do colegiado que praticar o que o livro propõe terá disposição e coragem para tornar visível, audível e presente esses conteúdos. Não é difícil, mas se não dermos passos nessa direção o que será dos jovens educadores que chegam à pedagogia Waldorf? Eu tive gigantes quando comecei na pedagogia Waldorf e agora não temos mais essas pessoas. Ou nos unimos e em grupo nos tornamos gigantes ou vamos sucumbir. Temos que fazer viver o Goetheanum entre nós. Foi isto que Rudolf Steiner fez quando colocou a Pedra Fundamental no coração de cada um que se vincula à Antroposofia. O Goetheanum não é mais um espaço no mundo; são corações que se dão o direito de ter um tempo para cultivar a Antroposofia.

* O Periódico 77 da FEWB tem como conteúdo *A meditação do professor*, com artigos maravilhosos de Claus-Peter Röh, principalmente da segunda meditação. Outros dois títulos importantes podem colaborar nesse caminho meditativo: *Forças que impulsionam a educação*, Heinz Zimmermann; *O ser humano em devir*, Jorgen Smit. E ainda há, especialmente para educadores de Jardim de Infância, a obra *Dones espirituales para el educador (versos meditativos y reflexiones)*, uma Coletânea de textos de Rudolf Steiner realizada por Helmut von Kùgelgen.